

## 14. ENSAIOS\*

O problema que pretendo expor é certamente vivenciado por todos cuja meta é escrever sobre um tema "erudito". É este: Devo formular meus pensamentos em estilo acadêmico (isto é, despersonalizado), ou devo recorrer a um estilo vivo (isto é, meu)? A decisão tomada afetará profundamente o trabalho a ser feito. Não é uma decisão que diz respeito à forma apenas. Diz respeito igualmente ao conteúdo. Não há um pensamento único articulável em duas formas. Duas sentenças diferentes são dois pensamentos diferentes. A decisão de tratar de um tema erudito de forma acadêmica ou de forma viva é a decisão de tratar desse tema de dois ângulos diferentes. Outros serão os argumentos apresentados, outras as conclusões alcançadas, e o próprio tema será apenas aparentemente o mesmo. O estilo informará o trabalho.

O problema não se dá com tema não-erudito. O estilo acadêmico não se oferece como alternativa. E o estilo acadêmico é um caso especial de estilo. Reúne honestidade intelectual com desonestidade existencial, já que quem a ele recorre empenha o intelecto e *tira o corpo*. Caracteristicamente evita o uso do pronome

\* Publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 19/8/67.

me "eu". Substituí o "eu" pelo bombástico (embora aparentemente modesto) "nós", ou pelo "se", que não compromete. Não negarei que tem a sua beleza. É a beleza do rigor, que não é necessariamente um *rigor mortis*. Essa beleza, que tanto resplandece na matemática e lógica formal, é de certa maneira característica do intelecto. Mas afirmarei que o estilo é uma pose. Ninguém pensa academicamente. Faz de conta que assim pensa. Força-se a pensar dessa forma. O estilo acadêmico é resultado de um esforço (se quiserem, de uma disciplina mental), portanto resultado de um primeiro pensamento; mas é um *second thought*, um segundo pensamento, já que tradução de um primeiro pensamento. Não é espontâneo, é deliberado. A escolha entre um estilo acadêmico e um estilo meu é, portanto, meia escolha: falarei espontaneamente ou escolherei o academicismo.

Como toda escolha, também esta envolve o problema da responsabilidade. O academicismo assume a responsabilidade pelo rigor (a validade) do argumento e minimiza a responsabilidade do autor como pessoa de carne e osso (como diria Unamuno). Um estilo vivo assume essa responsabilidade, e subordina a outra; depende a validade do argumento da validade (do valor) daquele que argumenta. São duas maneiras diferentes de empenhar-se. É concebível que o empenho dependa do assunto. Parece difícil imaginar um empenho não-acadêmico no assunto "anatomia das baratas" (embora exista a *Metamorfose* de Kafka). Mas devo confessar que para mim é difícil imaginar um empenho, mesmo que acadêmico, nessa anatomia. Um tratado sobre a anatomia das baratas tem sempre, quando autêntico, um fundo mais amplo. É sempre uma preocupação com um detalhe a ser futuramente inserido em contexto mais significativo. E, se for assim, surge também o problema do estilo. O exemplo é, no entanto, extremo. Creio que a escolha, no caso da anatomia (ou de assuntos semelhantes), cairá sobre o academicismo como que "naturalmente". O problema se apresentará com toda a sua força se o assunto for das ciências sociais ou de filosofia. E pretendo considerar esses assuntos.

Denominarei os trabalhos sobre esses assuntos, quando em estilo acadêmico, de "tratados" e, quando em estilo vivo, de "ensaios". Direi que a escolha entre fazer um tratado e um ensaio é uma decisão existencial no sentido estrito do termo. Marcará a minha atitude perante o meu assunto e perante os que lerão o

meu trabalho, "os meus outros". No caso do tratado, pensarei meu assunto e discutirei com os meus outros. No caso do ensaio, viverei meu assunto e dialogarei com os meus outros. No primeiro caso, procurarei explicar meu assunto. No segundo, procurarei implicar-me nele. No primeiro caso, procurarei informar os meus outros. No segundo, procurarei alterá-los. A minha decisão dependerá, portanto, da maneira pela qual encaro o meu assunto e os meus outros. Dependerá da minha identidade. No tratado não me assumo, assumo o assunto para meus outros. No ensaio, assumo-me no assunto e nos meus outros. No ensaio, eu e os meus outros são o assunto dentro do assunto. No tratado o assunto interessa, no ensaio, *intersou* e *intersomos* no assunto. A decisão pelo tratado é desexistencializante. É a decisão em prol do "se", do público, do objetivo. A decisão pelo ensaio é aquela que deve ser contemplada.

Se me decido pelo ensaio, pelo meu estilo, por assumir-me no meu assunto, corro um risco. O risco é dialético: o de perder-me no assunto e o de perder o assunto. São os dois perigos fronteiriços da minha identificação com o assunto. Suponhamos que queira fazer um ensaio sobre a tradução e a traduzibilidade. O assunto é erudito, e poderia pois ter escolhido a forma do tratado. Neste caso poderia ter baseado a minha argumentação em autores lidos, poderia citar esses autores na bibliografia e no texto para diminuir a minha responsabilidade e poderia ter-lhes acrescentado algumas considerações minhas. O assunto teria ficado mais explícito, e meus leitores, mais informados. Escolhi o ensaio. O problema da tradução e da traduzibilidade assume as dimensões cósmicas de todo problema existencial: abrange tudo. Por exemplo, abrange o problema do conhecimento, que passa a ser um aspecto da traduzibilidade. Abrange o valor, que passa a ser um aspecto da validade das sentenças traduzidas. Abrange o problema do significado e do absurdo, que passa a ser um aspecto dos limites da traduzibilidade. Em suma: começo a perder o meu assunto por ter-me identificado com ele. E simultaneamente começo a perder-me nele, já que passo a identificar-me com os seus diversos aspectos. No caso, por exemplo, encontro-me a mim mesmo como um problema de tradução, isto é, como uma multiplicidade de sistemas a serem traduzidos entre si e para um metassistema. E o estilo do meu ensaio passará a espelhar, a articular, a formular este meu empenho de corpo e alma.

Este é o perigo do ensaio, mas esta é também a sua beleza. O ensaio não é a articulação de um pensamento apenas, mas de um pensamento como ponta de lança de uma existência empenhada. O ensaio vibra com a tensão daquela luta entre pensamento e vida, e entre vida e morte, que Unamuno chamava "agonia". Por isso, o ensaio não resolve, como o faz o tratado, o seu assunto. Não explica o seu assunto, e neste sentido não informa os seus leitores. Pelo contrário, transforma o seu assunto em enigma. Implica-se no assunto, e implica nele seus leitores. Este é o seu atrativo.

A filosofia e as ciências oscilam entre tratado e ensaio. Por isso, podemos falar em filosofia e ciências académicas, e em filosofia e ciências ensaísticas. Essa oscilação talvez seja um aspecto do pêndulo "clássico-romântico" ou do pêndulo "apolíneo-dionisíaco" (para falarmos com Nietzsche). Para citar exemplos: a física renascentista é ensaística (Leonardo, Galilei), e académica é a física do barroco. A biologia oitocentista é ensaística (Darwin), e académica, a biologia do século XX. A psicologia analítica é ensaística, e académico é o behaviorismo. Mas não se diga (como parecem sugerir os exemplos) que toda disciplina se inicia pelo ensaio para acabar no tratado. Há exemplos de uma tendência inversa. Um desses casos me parece ser presentemente a sociologia. Mas o exemplo mais significativo dessa oscilação é, obviamente, a filosofia.

Há duas filosofias, e o diálogo entre elas assemelha-se a um diálogo entre surdos. A filosofia ensaística, com Platão, Agostinho, Eckhart, Pascal, Kierkegaard, Nietzsche, Camus, Unamuno. E a académica, com Aristóteles, Tomás, Descartes, Spinoza, Hegel, Marx, Carnap. Ambas as filosofias tratam dos mesmos assuntos, mas fazem-no apenas aparentemente. Isso torna tão difícil o diálogo entre elas. Porque se invalido o pensamento de um filósofo académico, invalidei o seu tratado. Não basta, no entanto, invalidar um pensamento para derrubar um ensaio. É preciso, para tanto, desautenticar a sua atitude. A vulnerabilidade do academicismo é diferente da do ensaísmo. É, portanto, mais difícil derrubar um Unamuno que derrubar um Carnap. Mas se derrubei Carnap, apenas derrubei o seu pensamento. Se derrubei Unamuno, nada dele resta.

O leitor pode objetar que exagerei enormemente a antinomia "tratado-ensaio". Que, por exemplo, os ensaios de Hume são verdadeiros tratados, e que o *Tractatus* de Wittgenstein é, na realidade,

um ensaio. Discordo. Não negarei que há momentos inspirados nos grandes tratados, nos quais mudam de caráter. Não negarei que há ilhas nos grandes ensaios, nas quais o assunto é tratado academicamente. Mas insisto que a decisão é anterior ao trabalho, e que marcará definitivamente todo o seu clima. Basta abrir um livro "erudito" para sorver de imediato esse clima. E basta vivenciar o momento de liberdade que antecede a decisão pelo estilo que informará o meu trabalho.

Nas universidades brasileiras reina o academicismo. Como reação talvez ao ensaísmo que predominava no pensamento brasileiro até quase os nossos dias. Mas as universidades (como diz seu nome) não devem ser unilaterais, se pretendem uma erudição no sentido mais amplo do termo. Devem ser os lugares geométricos, nos quais o desprezo do academicismo pelo ensaísmo e o nojo do ensaísmo pelo academicismo se superem mutuamente. E isto especialmente num momento no qual, a meu ver, o pêndulo da filosofia (e também de certas ciências) tende para o ensaísmo. Provocar esta consideração era a meta deste artigo, o qual, certamente, pode ser enquadrado na categoria "ensaio".